

APRESENTAÇÃO
LINGUÍSTICA APLICADA E ESTUDOS DA DEFICIÊNCIA:
APROXIMAÇÕES (IM)POSSÍVEIS

Luciana Ferrari¹
Pedro Henrique Witchs²

Os estudos contemporâneos desenvolvidos no âmbito da linguística aplicada não têm medido esforços para considerar as complexas transformações na relação indissociável entre práticas sociais e uso da linguagem. De modo a potencializar as condições de análise de seus objetos de investigação, a linguística aplicada mobiliza articulações teóricas e metodológicas com diferentes áreas do conhecimento como as ciências sociais, as ciências da educação, a psicologia, dentre outras, o que enfatiza a sua natureza transdisciplinar. Destacamos, entre esses estudos, a compreensão de linguagem como elemento fundamental dos processos de subjetivação, isto é, de produção de subjetividades; como possibilidade de entendimento de si e dos outros (Mastrella-de-Andrade, 2013; Pessoa, 2019; Jordão, 2019). Impulsionadas pela perspectiva dos estudos decoloniais, algumas pesquisas em linguística aplicada têm buscado problematizar estruturas coloniais encontradas no Sul Global e que resultam de um processo baseado na matriz colonial de poder (Mignolo, 2017). Além de oferecerem elementos que possibilitam um rompimento com formas de pensamento patriarcais, brancas, europeias, universais, que constroem nossas ontoepistemes (Mignolo, 2017; Grosfoguel, 2010; Menezes de Souza, 2019), esses trabalhos também tematizam questões de linguagem relacionadas com grupos historicamente posicionados à margem da sociedade como mulheres, pessoas negras (pretas ou pardas), pessoas indígenas, pessoas LGBTQIAP+ e suas interseccionalidades.

Na esteira dessa perspectiva, este dossiê reúne trabalhos que apresentam pesquisas ou discussões em linguística aplicada que tematizam outro grupo marginalizado: as pessoas com deficiência. São textos que, de algum modo, articulam a linguística aplicada e os *disability studies* ao focalizarem conexões entre modelos de deficiência e subjetividades; práticas sociais e pessoas com deficiência; translinguagem e deficiência; ensino e aprendizagem de línguas com

¹ Doutora em Estudos Linguísticos – Inglês pela Universidade de São Paulo (USP). Professora do Departamento de Línguas e Letras e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). E-mail: luciana.oliveira@ufes.br.

² Doutor em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Professor do Departamento de Línguas e Letras e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). E-mail: pedro.witchs@ufes.br

pessoas com deficiência; inclusão escolar, currículo e deficiência, bem como a formação de professores.

No artigo que abre o dossiê, intitulado “Incidentes críticos na educação inclusiva: a reprodução amparada pela lei de um *status quo*”, Gabrielli Martins Magiolo (UEL), Juliana Reichert Assunção Tonelli (UEL), Alexia Mariana Bussadori de Ramos (Unesp) e Otto Henrique Silva Ferreira (UEL) investigam a dicotomia entre teoria e prática em cenários da educação inclusiva, especificamente de línguas adicionais, deflagrada pelo relato de experiência de quatro professores da rede básica de educação. Em “Experiências vividas na educação inclusiva: preconceitos e a responsabilidade pelo outro”, Flavia Bonella Ribeiro (Ifes; Ufes) e Ronald Gobbi Simões (Sedu-ES; Ufes) exploram elementos de relatos de experiência para compartilhar e discutir vivências na educação inclusiva que revelam não somente preconceitos e tensões, mas também a tomada de responsabilidade ética pelo outro.

No artigo “Escola Ângela de Brienza: análise imagética de uma escola para surdos em meados do século XX”, Eliane Telles de Bruim Vieira (Ufes; Sedu-ES; Seme-PMV), José Raimundo Rodrigues (Ufes; Seme-PMV) e Luciyenne Matos da Costa Vieira-Machado (Ufes) discutem implicações geradas por práticas pedagógicas propostas no Congresso de Milão (1880) e suas regularidades na seção dos ouvintes do Congresso de Paris (1900) que, de algum modo, impactaram na educação capixaba de surdos no decorrer do século XX. Por sua vez, em “Libras: uma língua construída, um ensino em (trans)formação”, Adriana Gomes Bandeira (Ufes) desenvolve uma reflexão sobre o período que antecede a promulgação da Lei nº 10.436/2002, a Lei de Libras, especificamente em acontecimentos entre os anos de 1980 e 2000.

Em “Ecologizar a neurodiversidade: reflexões sobre existências e línguas estrangeiras”, Adriana Tavares Mauricio Lessa (UFRRJ) e Tatiana de Freitas Massuno (UFRRJ) aproximam o pensamento ecológico dos estudos da neurodiversidade para abordar a relação com a língua estrangeira e discutem a neurodiversidade para além do enquadramento moderno. No artigo “Pessoas com autismo sob a ótica da linguística aplicada decolonial”, Adriana Lúcia de Escobar Chaves de Barros (UEMS), Maria Inesila Montenegro Garcia de Oliveira (UEMS) e Ruberval Franco Maciel (UEMS) abordam a forma pela qual as lentes culturais, baseadas em uma matriz de poder, criam linhas abissais ao considerar o transtorno do espectro autista e, sobretudo, a questão da deficiência. Em “*Autism – Communication and English Learning Through Music Therapy*”, Isabella Alvarez Ferreira Torres (Ufes) e Karen L. Currie (Ufes) partem da musicoterapia como uma ferramenta poderosa nos processos de aprendizagem de crianças com

autismo para analisar seus benefícios e suas contribuições na educação e comunicação dessas crianças.

No artigo “Práticas sociais e deficiência: gêneros discursivos publicados na *web* e a (in)acessibilidade comunicativa a pessoas cegas”, Gabriela de Souza Marques (UEM) e Liliam Cristina Martins (UEM) estabelecem um diálogo entre a linguística aplicada e os estudos críticos da deficiência à luz da perspectiva decolonial para discutir adequações linguísticas em gêneros discursivos publicados em ambiente *web* que carecem de adaptações para serem acessíveis a todas as pessoas, especificamente, pessoas cegas. Em “Translinguando a surdocegueira”, Veruska Azaredo Valadão Monteiro (Ufes), Jéssica Corrêa Augusto (Ufes) e Pedro Henrique Witches (Ufes) discutem sobre as potencialidades linguísticas da experiência da surdocegueira ao explorarem elementos de translinguagem identificados em produções acadêmicas e científicas nacionais sobre formas de comunicação de pessoas com surdocegueira.

Por fim, em “Por entre afetos, saberes, conversas e lutas em torno da deficiência – entrevista com Luciana Ferrari”, Livia Fortes (Ufes) entrevista Luciana Ferrari (Ufes), possibilitando (des)entendimentos acerca do termo deficiência a partir das vivências da entrevistada seja como pesquisadora das relações entre deficiência, linguagem e decolonialidade, seja como mãe de Livia, uma adolescente com paralisia cerebral. As discussões compreendidas por este dossiê não apenas podem contribuir com a visibilidade dos estudos sobre deficiência, decolonialidade e linguagem, como também podem oferecer condições para a identificação, interrogação e urgente interrupção (Menezes de Souza, 2019) das colonialidades relacionadas às pessoas com deficiência no Sul Global.

Agradecemos as autoras e os autores que contribuíram com este dossiê, assim como a equipe editorial da Revista PERcursos Linguísticos, do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Espírito Santo, e desejamos uma ótima leitura para quem aqui deseja realizar aproximações (im)possíveis.

Referências

- GROSGUÉL, R. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. In: SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. (org.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010. p. 455–491.
- JORDÃO, C. O lugar da emoção na criticidade do letramento. In: FERRAZ, D.; KAWACHI-FURLAN, C. J. (org.). *Bate-papo com educadores linguísticos*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2019. p. 58–66.

MASTRELLA-DE-ANDRADE, M. R. Pensando identidades em contextos de ensino-aprendizagem de línguas: uma discussão introdutória. In: FIGUEIREDO, C. J.; MASTRELLA-DE-ANDRADE, M. R. (org.). *Ensino de línguas na contemporaneidade: práticas de construção de identidades*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013.

MENEZES DE SOUZA, L. M. T. Decolonial Pedagogies, Multilingualism and Literacies. *Multilingual Margins*, Western Cape, v. 6, n. 1, p. 9–13, 2019.

MIGNOLO, W. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 32, n. 94, p. 1–17, 2017.

PESSOA, Rosane Rocha. Gêneros e sexualidades no ensino de línguas estrangeiras e na formação de professoras/es. In: FERRAZ, D.; KAWACHI-FURLAN, C. J. (org.). *Bate-papo com educadores linguísticos*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2019. p. 35–53.